

Recomeçando: democracia, autoritarismo ou negligência

Valério José Arantes

“Um dos mais apaixonantes problemas da biologia é o de saber como as células cooperam para formar tecidos e órgãos, de maneira que tudo fique no lugar certo, no devido tempo.”

José Reis

Quando somos oprimidos autoritariamente, apresentamos reações agressivas e teimosias decorrentes da esperança de estabelecer uma relação democrática com quem nos oprime, no entanto, quando nos defrontamos com um autoritarismo aparentemente indestrutível, as reações de passividade são comuns, principalmente em pessoas mais sensíveis, que fogem para um mundo de fantasias, resignando-se e até mesmo anulando a personalidade em conformidade com as imposições do(s) grupo(s) dominante(s).

Assim como um pêndulo ao ser erguido para o lado **DIREITO**, alcança a mesma altura do lado **ESQUERDO** ao ser liberado por nossa mão, atitudes e comportamentos autoritários ou negligentes, também exigem um certo tempo para chegar a um meio termo: **DEMOCRACIA**.

O autoritarismo presente durante os anos sofridos da ditadura, hoje é apenas verbalmente negado, pois continua tão forte como antes, camuflado em “duplas mensagens” do tipo: – Os direitos humanos são respeitados..., desde que..., não contrariem as aspirações de quem está no poder.

Relações democráticas são tão difíceis de serem concretizadas como o equilíbrio entre ação e reflexão em nossa personalidade, que conjuntamente com os sentimentos e emoções devem interagir em harmonia para evitarmos os distúrbios psicológicos.

Ao negar radicalmente o autoritarismo, assim como no exemplo do pêndulo, corremos o risco de manifesta-

ções de extrema negligência, com a conseqüente ausência de uma autoridade que saiba colocar limites, sem uma manipulação ostensiva do poder.

Se estivéssemos vivendo em uma democracia; com certeza não estaríamos atormentados com os efeitos da constante redução de nossos direitos, da CPMF, do aumento de número e tarifas de pedágios, de salários defasados, da manipulação do índice de inflação e de uma violência generalizada (guerra civil?); impostos por uma ditadura civil administrada inescrupulosamente por nossos próprios ex-colegas.

É assustador o número de situações que nos atingem sucessiva e simultaneamente em nosso cotidiano, fato que pode ser interpretado como uma artimanha maquiavélica e aterrorizante, para nos deixar perplexos e reforçar uma sensação de impotência perante os agressores.

As decepções com pessoas que já foram dignas de todo nosso respeito, pela demonstração de princípios éticos admiráveis em sua história pregressa, são constantes e somente explicáveis pela constatação de possíveis alterações de consciência, decorrentes de uma lógica amoral e inaceitável, que as tornaram irreconhecíveis.

O alcance e dimensão das atitudes e comportamentos desses administradores, que sufocam nossas necessidades humanas impondo-se através de um autoritarismo disfarçado em discursos pseudo-democráticos, assinala como projeto futuro apenas uma distopia perversa, que tem transformado nossos sonhos em pesadelos.

Nossa participação social vem sendo brutalmente compartimentada, por nossos próprios colegas com egos inflacionados de poder (querem extinguir até os departamentos nas unidades!!!) nos cargos administrativos dentro da Universidade, que deveria servir de exemplo para a população de uma verdadeira relação democrática, revelando-se como um reflexo das pessoas que aqui convivem.

Assembléia Geral

Dia 4 de agosto (quarta-feira), às 12 horas, na Adunicamp

PAUTA: ANTEPROJETO DE LEI DE PREVIDÊNCIA

- Preparação da mobilização para o ato público do funcionalismo do dia 12 de agosto;
- avaliação das possibilidades de elaboração de emendas ao Anteprojeto de Lei (docentes da PE e fundo previdenciário).

Porém, não é isso que está acontecendo, punições semelhantes aos tempos da ditadura, vêm sendo solicitadas e aplicadas por colegas em quem confiamos ao ponto de eleger como representantes, acreditando que nunca repetiriam um passado tão vergonhoso, compartilhado com tanto sofrimento.

Nossos representantes, seja no Consu ou em Congregações, indicam uma insensibilidade revoltante em relação às nossas reivindicações, manipulando até as representações de funcionários e alunos, impedindo a realização do congresso estatuinte ou negando nossos direitos dentro das unidades, de participar mais diretamente em questões que afetam nosso destino na Universidade.

Estamos convivendo com essa realidade em inevitável condição de estresse, em nível acadêmico e administrativo, devido a esse autoritarismo manifestado pelos governantes e por nossos próprios colegas dentro do campus.

Ou nos mobilizamos para cobrar o respeito que merecemos daqueles que nos representam ou acabaremos engrossando as cifras da exclusão social provocadas pelo neoliberalismo, “que não oprime”, mas exclui, demonstrando uma incapacidade de administração, que deveria estar presente em todos os setores da vida humana, começando pela administração da própria personalidade, para

em seguida, transferir essa capacidade para administrar centenas ou milhares com um compromisso essencial de: trabalho, justiça e compaixão, ou conforme cita López (1997) em recente trabalho de pesquisa sobre o administrador do futuro:

“Administrar com um sentido social e humanitário e conceder grande importância a ética são condições desejáveis nos administradores do futuro”.

Chegou a hora de dizer **BASTA**, comparecendo na próxima **Assembléia da Adunicamp** para enfrentarmos o projeto de Mário Covas que pretende diminuir nossos salários e para discutir nossa relação dentro do campus que vem sendo manipulada por pessoas que perderam o controle sobre os limites da ambição.

Concluindo, o trabalho do professor Aristeo Santos Lopez sobre “O administrador da universidade autônoma do estado do México”, encontra-se na biblioteca da Faculdade de Educação, e sobre nossa mobilização, fica aqui o comentário ouvido por um colega do Instituto de Artes em um bar de São Paulo, dito por um motorista de ônibus a outro:

“– Vamos para a assembléia, companheiro. Senão o nosso salário vai ficar igual ao dos professores.”

*Valério José Arantes é diretor da Adunicamp e professor da Faculdade de Educação da Unicamp.

Assembléia aprova contratação de parecer jurídico

A Assembléia Geral da Adunicamp, realizada no último dia 8 de julho, aprovou, dentre outras propostas, a contratação de um parecer jurídico sobre a situação dos docentes da Parte Especial e da Parte Suplementar frente ao anteprojeto de lei do sistema previdenciário encaminhado pelo Governo Covas à Assembléia Legislativa. Os docentes indicaram o nome do jurista Eros Roberto Grau que já foi consultado e concordou com o tema. A Adunicamp está consultando as outras entidades docentes a respeito da possibilidade do parecer contemplar as situações dos precários da USP e Unesp.

Começa a tramitação do Anteprojeto de Lei

Dia 2 de agosto, segunda-feira, a Assembléia Legislativa recomeça seus trabalhos. Nesse mesmo dia, o Anteprojeto de Lei Complementar que institui o Sistema de Previdência do Estado de São Paulo entrará para tramitação ordinária durante cinco sessões (uma sessão por dia) até dia 6 de agosto, sexta-feira. Esse é o período em que os deputados poderão apresentar emendas ao Anteprojeto. Posteriormente, quando o Anteprojeto for para o plenário, os deputados poderão propor ainda as emendas de plenário, desde que consigam dezenove assinaturas.

Ato público pela rejeição ao Anteprojeto de Lei

As entidades representativas do funcionalismo público estão organizando o ato público a ser realizado no próximo dia 12 de agosto, na Assembléia Legislativa, em São Paulo, pela rejeição ao Anteprojeto de Lei.

Docentes recebem mensagens eletrônicas da Adunicamp

O setor de Comunicação da Adunicamp tem utilizado a Internet como apoio ao programa de comunicação, com o objetivo de ampliar a possibilidade de contato com seus associados. Porém, dos 1973 associados, somente 603 recebem mensagens da Associação via Internet.

Para receber mensagens eletrônicas da Adunicamp, os professores devem enviar seu e-mail para: adunica@uol.com.br.

FBAIPAI*

Sérgio Silva

Em sua última alocução televisiva, com os ministros em volta, fingindo que estavam prestando atenção, Fernando Henrique Cardoso anunciou o “**FIM da AMEAÇA** de recessão”. Não é formidável. As empresas não estão fechando. Não há desemprego. Não há, nem nunca houve. Estamos apenas sonhando.



Geraldo Brindero é o nome da fera: um dos felizardos que passaram férias em Fernando de Noronha às custas da Força Aérea Brasileira: passagem de ida e volta (aérea, é claro), translados e diárias (completíssimas, provavelmente). Detalhe: ele era o Procurador Geral da República, isto é, exatamente o responsável por pela fiscalização do cumprimento da lei e da probidade na administração pública! Quando foi descoberto, pediu demissão? Onde você pensa que está? Na Suécia? Foi indicado para um novo mandato e aprovado, por confortável maioria, pelo nosso incrível Senado Nacional. Dizem que, pouco depois, Saulo Ramos foi visto em Brasília, dizendo: viu, viu como eu não fui tão ruim assim.

* Fe-be-ai-pai: **Festival de Besteiras e Apropriação Indébita que Assola o País**. Se fosse vivo, Stanislaw não resistiria...

Sérgio Silva é professor convidado do IFCH da Unicamp e ex-presidente da Adunicamp.